

Ibama proíbe ocupação de assentamento

Instituto do Meio Ambiente enviou documento ao Ministério Público alertando perigo de assentar famílias próximo ao Parque Nacional

Fabiana Tahan
Da equipe do Correio

Uma briga. Dois lados. No meio da batalha, 142 famílias do assentamento 26 de Setembro, próximo à estrada para Brazlândia (DF-001), aguardam a solução de um impasse há quatorze dias. Nesse tempo, impedidas de plantar, podem perder a época adequada para colocar a semente na terra. Ficam obrigadas a esperar.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) embargou a área — conhecida como Pró-Flora III — no último dia 22, sob a alegação de que ali é um local de proteção ambiental. A Secretaria de Agricultura, por iniciativa da Fundação Zoobotânica, retrucou e no dia seguinte entrou com uma ação cautelar na Justiça Federal. A liminar para sustar o embargo foi negada.

O Ibama deu mais uma cartada ontem. O órgão enviou ao Ministério Público documentos que mostram que o Pró-Flora fica na cabeceira do Córrego Bananal, o que pode comprometer o abastecimento de água no Distrito Federal.

Nessa área fica parte importante da bacia de drenagem da Barragem de Santa Maria, responsável pelo fornecimento de água ao Plano Piloto, Lago Norte e redondezas. Assim como qualquer manancial no Brasil, está sob proteção do Ibama.

Ainda segundo os documentos, a ocupação deve ficar até 10 Km distante do Parque Nacional, o que não acontece com o Pró-Flora. "O que torna mais preocupante nesse caso é que o acampamento é limítrofe com o parque", assegura o superintendente do Ibama no Distrito Federal, Salviano Guimarães.

RECEIO

"O Regulamento dos Parques Nacionais, aprovado em decreto de 1979, prevê que qualquer ocupação ou obra em locais próximos às áreas de proteção ambiental devem ser autorizadas pelo Ibama", explica Salviano.

Na opinião do superintendente, existe uma contradição do governo em relação aos invasores da Estrutural e ao assentamento das famílias sem-terra. Os dois locais ficam próximos e são separados apenas pelo córrego Vicente Pires. "Nós sabemos que o governo está fazendo um esforço enorme para tirar o pessoal da Estrutural. Não dá para entender porque querem assentar essas famílias ao lado de um lugar que é considerado problemático pelo próprio governo", diz.

Salviano alerta que a proximidade do assentamento com a Estrutural pode causar um inchaço no acampamento. "Tenho informações de que mais 360 famílias serão assentadas naquela região. Serão no mínimo 2,5 mil pessoas, fora os aproveitadores que vão chegar ali."

Ele acredita que o número de habitantes no assentamento pode se tornar incontrolável porque o lugar é próximo às áreas urbanas — Taguatinga, Guará e Ceilândia — e assim perderá as características de zona rural. "Corre um risco enorme de se tornar um assentamento urbano, já que fica próximo às zonas habitadas, cidades e da invasão da Estrutural", aponta.

MÁ VONTADE

Para o secretário de Agricultura, João Luis Homem de Carvalho, o que acontece é justamente o contrário. "Não existe maior preocupação nossa do que a questão ambiental. Esse assentamento fica tão perto do parque como qualquer outro. Assentamos esses agricultores na área justamente para evitar que se transformasse em invasões urbanas, para não deixar a área vulnerável", explica.

O secretário diz que todo o programa do assentamento é ecologicamente viável e economicamente sustentável. Cada uma das 142 famílias vai receber treinamento para plantar, irrigar e produzir alimentos. "Conversamos com o pessoal do Parque Nacional, e eles têm a mesma opinião que a secretaria, de que dá para fazer uma ocupação rural ali sem comprometer o meio ambiente. É que os assentados podem proteger a área de invasores."

Ele desmente a versão do superintendente do Ibama de que a secretaria pretende assentar mais 360 famílias no Pró-Flora. "É uma mentira. Dividimos a área em 142 chácaras de 6 hectares e temos uma preocupação ambiental e social", defende. "Isso nunca passou pela nossa cabeça. Estamos batalhando empregos e ocupação para essas famílias. Queremos dar condições de vida para os assentados."

Carvalho acredita que a questão é muito mais política do que ecológica. "Enquanto o superintendente exercia outras atividades, eu já era ecologista. Não vai ser a secretaria que vai ferir a questão ambiental", diz. "Agora estamos no período das chuvas. Se as famílias não plantarem estão perdidas porque vão passar fome. É muita falta de sensibilidade e má vontade em relação a um programa sério."



Aparecida Borges, 41 anos, com a filha no colo, está apreensiva por causa do impasse no assentamento: "Tem gente passando fome por causa disso"

Famílias querem começar plantação

A demora em se instalar no assentamento 26 de setembro a faz as famílias dos agricultores apelarem para a criatividade. Os assentados inventam o que podem para sobreviver. Francisco de Sena, 63, que mora com o genro, a filha e uma neta, ganha a vida com a venda de pamonha e tem o futuro.

"Já roçamos nossa área e estamos esperando o adubo. Mas a chuva vem aí, se a gente não plantar agora, não sei como vai ser", diz Francisco. "Ano passado, nessa época, a gente já tinha

semeado feijão e arroz. Deu para toda comunidade", lembra.

Aparecida Borges, 41 anos, também está apreensiva com a situação dos agricultores do assentamento, que desde o embargo estão sem produzir. "Tem gente passando fome por causa disso", conta.

A sem-terra acredita que o embargo do Ibama é uma questão política. "Não tem nada a ver com reflorestamento. Eles não querem deixar o PT fazer um assentamento modelo no Distrito Federal", defende. "Se liberassem logo

a área tenho certeza que a gente já estaria produzindo muito", pensa.

DIREITOS

Aparecida diz que do acampamento não sai. "A gente veio trazido pelo governo, ninguém invadiu nada. Temos direitos", diz. "Estamos a mais de 10 km do parque e nem chegamos por ali. Não mexemos com aquele lado de jeito nenhum e se alguém se aproxima a gente não deixa", conta a agricultora que mora com o marido e quatro filhos.

No seu lote, assim como nas outras chácaras, todo lixo produzido é separado. O orgânico é colocado em buracos e depois as cinzas são aproveitadas como adubo. As latas e garrafas são vendidas aos ferrões velhos.

Mas perto dali, na cascalheira, o que se vê é lixo a céu aberto. "O incrível é que essas mesmas pessoas que defendem a natureza fecham os olhos para o lugar, aqui do lado, onde todo o lixo de Taguatinga vai parar", aponta. (F.T)